

## ANÁLISE DAS METODOLOGIAS E RECURSOS PEDAGÓGICOS UTILIZADAS NO TEA

Juliana da Conceição Sampaio Lóss<sup>1</sup>  
Roberta Santana Barrosos Ferreira<sup>2</sup>  
Marlene Soares Freire Germano<sup>3</sup>  
Carlos José de Castro Costa<sup>4</sup>  
Marcelo Marianelli Lóss<sup>5</sup>  
Rosalee Santos Crespo Istoe<sup>6</sup>

### RESUMO

O autismo ou transtorno do espectro autista se caracteriza por comportamento atípico, suscitando a necessidade de metodologia adequada no âmbito educacional e social. O presente estudo tem por objetivo compreender quais metodologias, estratégias e recursos pedagógicos podemos contemplar na abordagem da criança com TEA e conhecer como se dá a práxis metodológica, dada a emergente necessidade em atuar com crianças com Transtorno do Espectro Autista. Assim, utiliza-se uma metodologia qualitativa, através da revisão bibliográfica, onde foram analisados artigos pesquisados nas bases de dados Scielo, Redalyc, PubMed e livros de importantes autores que versam sobre o presente tema. Foi possível concluir que todas as medidas pedagógicas e modelos de tratamento tais como: Modelo Teacch, Modelo Denver, Abordagem Floortime, Análise Comportamental Aplicada, tratamento farmacológico e psicanálise, bem como as intervenções na linguagem, o uso de jogos e lúdicos, abordagem familiar e as PECS, demonstraram serem positivos ao tratamento do autismo. Apresentam evolução em todas as esferas, oferecendo ganhos ao comportamento do autista e também propiciando conquistas para a família.

**Palavras-chave:** TEA, recursos pedagógicos, metodologias no TEA,

### INTRODUÇÃO

O autismo constitui um quadro que implica em lidar com diversas questões: sociais, culturais, médicas, psicológicas, entretanto, ao enfrentar tal problemática, a família, diante da cronicidade e gravidade dos sintomas do Transtorno do Espectro Autista (TEA), se vê desamparada, necessitando de uma rede de apoio interdisciplinar, que compreenda e seja suporte para os cuidados que a demanda suscita, a fim de proporcionar melhor enfrentamento da situação vivida.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem - UENF, ju.sampaio23@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem - UENF, robertasantana460@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem - UENF, marlene.sgermano@gmail.com

<sup>4</sup> Doutoranda do Curso de Cognição e Linguagem - UENF, carlosjcastrocosta@gmail.com

<sup>5</sup> Pós Graduado em Direito Processual Cível - UNESC, marcelo@lossecorreia.adv.br

<sup>6</sup> Professor orientador: Docente do programa de doutorado UENF, rosaleeistoe@gmail.com

Tal discussão nos leva à tentativa de compreender as metodologias e recursos pedagógicos que são empregadas ao aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois os prejuízos comportamentais são inúmeros e o tratamento ocorre por medidas medicamentosas que atenuam os sintomas de agitação e falta de atenção. Todavia, cabe ressaltar que existem distintas modalidades de tratamento e estratégias pedagógicas que vêm sendo implementadas na tentativa de melhorar a qualidade de vida de muitas famílias, tais como: a terapia cognitiva comportamental, a psicoterapia psicanalítica, a arteterapia, a musicoterapia, jogos interativos e até mesmo aplicativos dedicados ao desenvolvimento de crianças autistas.

O conceito de autismo já fora elucidado neste estudo, o que nos faz entender que o TEA é uma condição que compromete as funções cognitivas e que se manifesta desde a infância, acarretando problemas sociais, comportamentos estereotipados, que podem deixar o paciente à margem da sociedade, especialmente quando pensamos em medidas de tratamento e educação *versus* aprendizagem.

O presente estudo tem por objetivo compreender quais metodologias e estratégias pedagógicas podemos contemplar na abordagem da criança com TEA e conhecer como se dá a práxis metodológica, dada a emergente necessidade em tratar de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Assim, utiliza-se uma metodologia qualitativa, através da revisão bibliográfica, onde foram analisados artigos pesquisados nas bases de dados Scielo, Redalyc, PubMed e livros de importantes autores que versam sobre o presente tema.

## **INTERVENÇÕES PARA O TRATAMENTO DO TEA**

As intervenções para o tratamento do TEA são consideradas um desafio, no sentido em que vão constituindo uma rede de apoio valorosa com ganhos significativos aos pacientes e familiares. Pacientes que apresentam o quadro do TEA necessitam de atenção especializada para sua escolarização, pois os danos comportamentais dificultam a inclusão. É importante pensarmos também no preparo dos profissionais para lidar com esses indivíduos.

É preciso que haja um ambiente facilitador e promotor de inclusão social desses atores, propiciando um novo olhar para além das limitações que atravessam o TEA, ou seja, não podemos olhar para o transtorno em si, mas devemos discutir sobre o tema e avançar diante das possibilidades que aparecem, na tentativa de se obter ganhos no dia a dia do indivíduo, criando políticas públicas que contemplem este público como alvo.

A teoria sócio-histórica de Vygotsky afirma que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais que são estabelecidas durante a vida, e assim também ocorre com o

ensino e com a aprendizagem (VYGOTSKY, 1994). Assim, quando pensamos em uma criança com TEA podemos partir do pressuposto que suas interações sociais estarão prejudicadas, sendo necessárias estratégias para que a aprendizagem significativa aconteça. A importância de se pensar intervenção para a pessoa com TEA se dá desde a infância, para que haja desenvolvimento pleno de suas habilidades. Ademais, o aprendizado não traz ganhos somente à criança autista, mas também à sua família e aos profissionais de saúde, cujo objetivo deve ser um olhar ampliado a este público, promovendo maior qualidade de vida a todos que necessitem.

Segundo Serra (2010), muitas práticas e doutrinas se confrontam ao discutir e tentar tratar o autismo, o que torna importante delinear um panorama geral das intervenções que são aplicadas atualmente neste cenário, todavia, sem a pretensão de abranger todas as técnicas utilizadas, mas evidenciando as principais. O sofrimento do autista e seus familiares demonstra a importância da criação de dispositivos para o atendimento desse paciente (SERRA, 2010).

Diante do supracitado, apresentaremos os modelos de intervenção e tratamentos que esta revisão bibliográfica pôde contemplar como significativos. O estado da arte para estudos com TEA destaca o modelo Teacch, o modelo Denver, a abordagem Floortime, ABA – análise do comportamento, psicoterapia psicanalítica, jogos eletrônicos, PECS – Picture Exchange Communication System, psicoterapia para pais através da abordagem cognitivo-comportamental, os quais explicitaremos adiante.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Modelo Teacch – Modelo Denver – Abordagem Floortime**

O **Modelo Teacch** ou tratamento para autistas e crianças com déficits na comunicação é um programa que envolve o atendimento educacional e clínico, com uma abordagem transdisciplinar e psicoeducativa (KWEE *et al.*, 2009). Foi criado em 1966 em uma escola de medicina na Carolina do Norte (EUA), divisão de psiquiatria, por Eric Shopler e colaboradores, onde se questionava a prática clínica da época, pois se acreditava que o autismo era de causa emocional, e o tratamento oferecido, de origem psicanalítica. A base teórica do modelo Teacch é a teoria behaviorista e a psicolinguística, onde se utilizam reforçadores para lidar com o comportamento e estratégias da psicolinguística para compensar a comunicação, usando recursos visuais, interação entre pensamento e linguagem. O conhecimento da condição neurobiológica é fundamental nessa abordagem (KWEE *et al.*, 2009).

O objetivo educacional do modelo Teacch está no ensino de capacidades de comunicação, organização e prazer na partilha social e pode ser adaptado a necessidades individuais e a diferentes níveis de funcionamento de cada aluno (OLIVEIRA *et al.*, 2017). Trata-se de um modelo que fortalece rotinas, que são estruturantes e garantem a segurança, trabalhando uma organização interna da criança, desenvolvendo as áreas relacionais, de coordenação sensório-motora, assim como, ouvir, fazer imitação e comunicar através da linguagem ou pelos sistemas alternativos (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Assim sendo, percebe-se que os resultados obtidos através do programa Teacch têm uma evolução positiva em todas as áreas a que se propõe, sendo considerado um programa eficaz que preza pela melhora da qualidade de vida do autista.

O **Modelo Denver** nasceu nos EUA, o nome original é ESDM Early Start Denver Model – que caracteriza um modelo de intervenção precoce, pois o período para aplicação da técnica vai dos 10 meses aos 48 meses. Esse método foi criado por Thiago Araújo, da Universidade de Quebec. A justificativa para se trabalhar na intervenção com crianças tão pequenas, é que o modelo Denver preconiza atividades sensório-sociais, além de se praticarem muitas atividades no chão. Apesar do modelo Denver trabalhar muitos princípios comportamentais do ABA, este se apoia e fundamenta suas práticas baseadas na psicologia do desenvolvimento, com o ensino que ocorre com rotinas diárias e através de jogos (LOHR, 2016).

Ressalta-se que é importante que a criança tenha motivação para as brincadeiras, que estas não sejam comandos, pois uma das maiores dificuldades no autismo é a falta ou a não reciprocidade das interações: interesse, participação, engajar-se, e, por fim, comunicar-se. Outro fator importante a se observar nesse modelo é a iniciativa da criança que sempre é estimulada pelo terapeuta.

Para que este método seja considerado eficiente e apresente bons resultados, é necessário que haja dedicação, ou seja, uma participação contínua da família, da criança e do terapeuta, conseguindo alcançar uma carga horária terapêutica de 15 horas semanais, entretanto, pode-se verificar que, na prática, no máximo 2 horas semanais são dedicadas à terapia.

E, nesses casos de autismo, quanto mais terapia, melhor, para que se obtenha o desenvolvimento pleno da criança. Cumpre destacar que o tratamento deve ser multidisciplinar, com psicólogos, fonoaudiólogos, terapeuta ocupacional entre outros (LOHR, 2016).

Pelo até então dissertado, verifica-se que o método Denver é uma possibilidade que pode contribuir para o tratamento da criança autista em todos os domínios, e assim atender aos déficits que se apresentam no curso do desenvolvimento. Destaca-se que, nesta intervenção precoce, aproveita-se o momento de maior plasticidade neuronal que ocorre nessa fase de

desenvolvimento cerebral da criança, o que pode aumentar consideravelmente a validade do modelo ora discutido.

A **Abordagem Floortime** consiste em um modelo muito utilizado por fonoaudiólogos, entretanto estudos comprovam que também pode ser utilizado por terapeutas ocupacionais. Essa abordagem encontra-se dentro do modelo DIR (Developmental, Individual Difference, relationship-Based), todavia a abordagem Floortime é a principal do modelo DIR, e se caracteriza por uma série de interações espontâneas e criativas que deve acontecer no chão, onde se trabalha no encorajamento da criança e sua iniciativa, até onde a criança consiga ir através das brincadeiras (RIBEIRO; CARDOSO, 2014).

Nesta revisão bibliográfica, os achados evidenciam que este método de intervenção é muito eficaz, apresentando pontos em comum com a abordagem da terapia ocupacional, o que amplia em muito a área de atuação e oportuniza o atendimento à população autista.

Esta abordagem é dividida em três partes, a saber:

Primeira parte: os pais fazem Floortime com seu filho, criando experiências que promovem domínio de marcos do desenvolvimento.

Segunda parte: Fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e psicoterapeutas trabalham com as técnicas da Floortime, a fim de lidar com as dificuldades específicas da criança e conduzir ao melhor desenvolvimento.

Terceira parte: os pais trabalham com suas respostas e seu relacionamento, maximizando a interação com o filho, criando um padrão familiar que propicie o crescimento emocional e intelectual familiar (PIACENTINI, 2011).

Neste íterim, verifica-se que a Floortime é promissora e sua eficácia pode ser verificada em diversos estudos, com a prática baseada em interações que firmam o brincar como ferramenta desta terapêutica.

### **ABA (Análise Comportamental Aplicada)**

A **Análise Comportamental Aplicada** (*Applied Behavior Analysis*, na sigla em inglês) é uma abordagem pertencente à Psicologia, pautada em métodos fundamentados em princípios científicos comportamentais. No TEA (Transtorno do Espectro Autista), tal disciplina torna-se relevante por possibilitar o encontro com variados espectros de comportamento, os quais nos possibilitam uma mudança efetiva das relações, e tem, por isso, transformado a vida de muitas famílias que enfrentam a questão do autismo, através de propostas intervencionistas e métodos educacionais. Por ser uma disciplina objetiva, a Análise

Comportamental Aplicada se concentra na medição confiável e na avaliação objetiva do comportamento observável, podendo ser mediada por aumentar procedimentos de reforço que requerem interação social, a fim de ensinar novas habilidades sociais, funcionais e comunicacionais. Além disso, reforça também ideias de autocontrole e automonitoramento, que são essenciais no tratamento do autismo.

### **Medicação e Tratamento Psicanalítico**

Em relação à conduta farmacológica, esta é indicada somente por avaliação médica baseada em um diagnóstico concreto. São fármacos que não agem diretamente na etiologia da doença, porém atuam melhorando a qualidade de vida e promovendo o convívio social dos pacientes. Os medicamentos são: Antipsicóticos Atípicos (AAPs), os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), Antidepressivos, Estabilizadores de Humor e Anticonvulsivantes.

Abordando a **metodologia psicanalítica**, de acordo com Kandel, Shuartz e Jessell (1995), há produções que são próprias do sujeito na infância e, portanto, centrais na intervenção e na avaliação psicanalítica. Torna-se fundamental, na formação do clínico, conhecer os diferentes momentos lógicos que fazem parte da constituição psíquica ao longo da infância e o modo como eles comparecem, em suas diferentes produções de linguagem, psicomotricidade e aprendizagem postas em cena em sua relação com os outros. É por conhecer os diferentes momentos lógicos que o psicanalista intervém, podendo ir buscar a criança/bebê ali onde ele está, sem que seja preciso, para tratá-lo, introduzir um artificialismo técnico descontextualizado da vida do paciente (KANDEL, E.R., SHUARTZ, J.H., JESSELL, T.M. (1991)

### **Tecnologias na escola e o desafio de ensinar a criança autista**

Existem muitos desafios ainda a serem enfrentados pelo autismo dentro do ambiente escolar. Dentre eles, há a problematização da inclusão da criança portadora do TEA (Transtorno do Espectro Autista), visto que nem todas as escolas estão preparadas para lidar com pacientes autistas, o que representa um grave retrocesso. O autismo tem três características que marcam muito a criança: a dificuldade de interação social, a dificuldade no uso da linguagem e o comportamento repetitivo e restrito. Contudo, a criança pode se desenvolver por meio de convivência com outras crianças da mesma faixa etária, e a escola é o melhor lugar para que isso aconteça (SANTOS & CAPELINNE 2013). Logo, as escolas devem ser lugar de

aprendizado para todos, incluindo aqueles que não se apresentam como os demais. No caso do autismo, tornam-se fundamentais o acompanhamento por psicólogos e um cuidador integral nas escolas, além de medidas educativas e comportamentais baseadas em suas dificuldades.

### **PECS- Intervenções na linguagem**

Desenvolvido em 1985, PECS, que significa Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (do Inglês, *Picture Exchange Communication System*) é uma intervenção alternativa na linguagem direcionada a portadores do Transtorno do Espectro Autista e outras comorbidades relacionadas ao desenvolvimento. PECS começa ensinando uma pessoa a dar uma figura de um item desejado para um "parceiro de comunicação", que imediatamente aceita a troca como um pedido. O sistema passa a ensinar a discriminação de figuras e como juntá-las formando sentenças. Nas fases mais avançadas, os indivíduos aprendem a responder perguntas e fazer comentários.

O treino com o PECS se dá via seis fases, que são: 1) Fazer pedidos através da troca de figuras pelos itens desejados; 2) Ir até a tábua de comunicação, apanhar uma figura, ir a um adulto e entregá-la em sua mão; 3) Discriminar entre as figuras; 4) Solicitar itens utilizando várias palavras em frases simples, fixadas na tábua de comunicação; 5) Responder à pergunta “O que você quer”; 6) Emitir comentários espontâneos (BONDY; FROST, 2001).

### **Jogos eletrônicos – games como uma possibilidade de tratamento e intervenção**

A relevância da criação de **jogos eletrônicos** com fins educativos é notória para qualquer criança, visto que são jogos que estimulam o raciocínio lógico e estabelecem conexões com diversos parâmetros sociais e comportamentais. Entretanto, para uma criança portadora do TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), os jogos eletrônicos vêm ganhando cada vez mais espaço e sendo considerados uma importante ferramenta educacional para autistas, visto que são jogos que atuam estimulando a interação social e adequações comportamentais. A aplicação de técnicas associadas a intervenção, como, por exemplo, jogos didáticos, através dos quais o crescimento cognitivo, social e emocional das crianças é notório, pode ser um avanço para o paciente com TEA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apontados através desta revisão bibliográfica, observou-se que todas as medidas pedagógicas e modelos de tratamento demonstram serem positivos ao tratamento do autismo. Apresentam evolução em todas as esferas, oferecendo ganhos ao comportamento do autista e também propiciando conquistas para a família.

Pode-se contemplar que a terapêutica no autismo trabalha no sentido mais amplo, na conquista do dia a dia, com o objetivo sempre de alcançar a autonomia, pois sabemos que os déficits cognitivos não se podem curar, assim, buscam-se estratégias educacionais para lidar com o autismo através de jogos, estímulos da linguagem, psicoterapia, modelos como Teacch, Denver e Floortime, que ampliam o olhar a esses sujeitos comprometidos com esse transtorno do desenvolvimento, com o objetivo de fortalecer os vínculos e propiciar maiores habilidades na criança.

Destarte, a participação da família é sempre fundamental para que haja efetividade nos métodos aplicados. Todas as atividades devem ser prazerosas, lúdicas, com reforçadores que motivem o processo e favoreçam uma melhora na qualidade de vida da criança autista.

Por fim, destaca-se que o universo do autismo é complexo, suscitando dedicação por parte dos atores envolvidos, a fim de alcançar as propostas de melhora, utilizando o brincar como ferramenta primordial, buscando a cada dia inovação das metodologias de ensino e possíveis estratégias aplicadas ao autismo, dedicando-se em pesquisas que deem ênfase a tal problemática e que utilizem sempre o amor e a empatia para oferecer uma relação de ajuda que minimize o sofrimento do autista.

## REFERÊNCIAS

BONDY, A. S.; FROST, L. A. **The picture exchange communication system.** *Behav. Modif.*, v. 25, n. 5, p. 725-744, 2001.

KANDEL, E. R.; SCHWARTZ, J. H.; JESSEL, T. M. **Principles of neural science.** 3ª Ed. Norwalk: Appleton & Lange; 1991

KWEE, C. S.; SAMPAIO, T. M. M.; ATHERINO, C. C. T.; **Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH.** Ver. CEFAC, v. 11, supl. 2, 217-226, 2009.



LOHR, T. **Intervenção precoce em crianças com autismo: modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização.** Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Vol. 32, n.59, 2016.

OLIVEIRA, V.; PISCALHO, I.; GALINHA, S.; SILVA, F.; **Descontinuidades educativas entre as unidades de ensino estruturado para crianças com perturbações do Espectro do autismo em sala de aula.** Revista da Unidade de Investigação do Instituto politécnico de Santarém. Vol. 5, nº 1, pag. 151-162, 2017.

PIACENTINI, P. **Floortime: abordagem desenvolvimentista.** Revista autismo. N. 1, ano 2. Abril. 2011.

RIBEIRO, L.C.; CARDOSO, A.A. Abordagem Floortime no tratamento da Criança autista: Possibilidades de uso pelo terapeuta ocupacional. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 399-408, 2014 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.060>

SANTOS, A. R; CAPELINNE, V.L.M.F.; **O professor da educação especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo.** Revista Educação Especial, 385-400 2013. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>

SERRA, S.C.; **Autismo: Uma abordagem psicoterápica.** Cad. Psicanálise- CPRJ. Rio de Janeiro, ano 32, n. 23, p. 181-192, 2010. Disponível em: [http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23\\_pdf/19-AUSTIMOS%20UMA%20ABORDAGEM%20PSICOTERAPICA\\_SONIA%20CALDAS.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno23_pdf/19-AUSTIMOS%20UMA%20ABORDAGEM%20PSICOTERAPICA_SONIA%20CALDAS.pdf)

VYGOTSKY, L. S.; **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.